Camilla Kruke Mortean

A desigualdade socioespacial em São Paulo:
O Parque Ibirapuera e seus equipamentos de cultura

CELACC/ECA-USP

2015

Camilla Kruke Mortean

A desigualdade socioespacial em São Paulo:
O Parque Ibirapuera e seus equipamentos de cultura

Trabalho de conclusão de curso em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob a orientação da professora Fabiana Amaral.

CELACC/ECA-USP
2015

SUMÁRIO

RESUMO.....1

1. INTRODUÇÃO.....2

2. AS CIDADES, A PRODUÇÃO DESIGUAL DO ESPAÇO E O PARQUE IBIRAPUERA EM SÃO PAULO.....3

2.1 A Cidade Desigual.....3
2.2 Parque Ibirapuera.....4
2.3 O Parque Ibirapuera hoje.....6

3. A CIDADE DE SÃO PAULO E OS EQUIPAMENTOS DE CULTURA.....8

3.1 A Desigualdade Socioespacial e a Cultura em São Paulo.....8
3.2 A Necessidade de Deslocamento.....11
3.3 As Barreiras para além da Centralidade.....13

4. DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL EM SÃO PAULO: O PARQUE IBIRAPUERA E SEUS EQUIPAMENTOS DE CULTURA.....17

4.1 Estratégias Metodológicas.....17
4.2 Os Equipamentos de Cultura do Parque.....17
4.3 Conhecimento e Frequência dos Equipamentos de Cultura do Parque.....23
4.4 O Lazer é que leva as Pessoas ao Parque.....25
4.5 As Barreiras de Entrada nos Equipamentos de Cultura dentro do Parque.....27

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....30

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....33

7. APÊNDICE I – ENTREVISTAS.....35

8. APÊNDICE II – PESQUISA DE CAMPO.....46

RESUMO

O artigo problematiza a questão dos equipamentos de cultura com relação ao território, evidenciando a produção desigual do espaço, e se aprofunda no estudo do Parque Ibirapuera, em São Paulo, que concentra dez equipamentos culturais. O trabalho tem por objetivo discutir se quem usa o parque conhece e frequenta os equipamentos nele sediados, além de apontar quais são as barreiras de acesso dentro do espaço. A intenção é avaliar se os equipamentos, da forma como estão estabelecidos, atendem à população.

Palavras chave: Cultura; Lazer; Cidade; Desigualdade Socioespacial; Espaço Público; Equipamentos de Cultura; Parque; Parque Ibirapuera.

ABSTRACT

The article discusses the issue of cultural equipment in relation to territory, highlighting space unequal production, and carefully examines the study of Ibirapuera Park in São Paulo, which concentrates ten cultural facilities. The study aims to discuss whether those who use the park know and attend the cultural equipments and it also points out what barriers avoid public access to those spaces. This research is intended to assess whether cultural equipment, the way it is established, meets the population's needs.

Keywords: Culture, Leisure, City, Socio-Spatial Inequalities, Public Space, Cultural Equipment, Park, Ibirapuera Park.

RESUMEN

El artículo problematiza la cuestión de los equipos de cultura en relación con el territorio, evidenciando la producción desigual del espacio, y profundiza en el estudio, el Parque Ibirapuera, en São Paulo, que concentra diez equipos culturales. El estudio tiene por objetivo discutir si los que utilizan el parque conocen y frecuentan los equipos con sede en él, además de señalar cuáles son las barreras a la entrada en el espacio. El fin es evaluar si los equipos, de la forma en que se establecen, sirven a la población.

Palabras clave: Cultura; Ocio; Ciudad; Desigualdad Socioespacial; Espacio Público ; Equipos de Cultura; Parque; Parque Ibirapuera.

1. INTRODUÇÃO

O artigo tem como elemento central a análise da desigualdade socioespacial nas cidades, colocada por autores como David Harvey (2013), Ermínia Maricato (2009) e Ana Fani Alessandri Carlos (2001). Mostra que aspectos como a existência e a qualidade da infraestrutura determinam o valor das diferentes áreas da cidade, separando ricos e pobres, e dando a eles diferentes possibilidades.

Dentro deste contexto, o trabalho problematiza a questão dos equipamentos de cultura em relação ao território, evidencia que eles estão concentrados nas áreas centrais das cidades, habitadas pelas pessoas de maior renda, e exigem deslocamento dos moradores das periferias. Aprofunda-se no estudo do Parque Ibirapuera, na Vila Mariana, região central de São Paulo, que hoje concentra dez equipamentos de cultura, e é uma das principais áreas verdes, de lazer e cultura da cidade, destino de pessoas de todas as regiões e classes sociais.

O texto se baseia em pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas com frequentadores do Parque. E é complementado por entrevistas fechadas com diretor do Ibirapuera, Heraldo Guiaro, e porta-vozes dos equipamentos sediados no espaço. A teoria e a pesquisa de campo são complementares no estudo, se confrontam e uniram-se para responder os questionamentos presentes nos seguintes objetivos específicos:

- Refletir sobre a desigualdade socioespacial na cidade de São Paulo, onde o Parque Ibirapuera, como outros equipamentos públicos de lazer e cultura, estão localizados na área central, demonstrando a relação desigual da produção do espaço.
- Refletir se os aspectos da formação do parque - nascido em uma área de alagado, central, atrelado a interesses governamentais, com características modernistas, e construções que ganharam diferentes usos ao longo dos anos - determinam seu uso até os dias de hoje, para apontar se esse modelo de espaço público favorece o uso do mesmo e de seus equipamentos de cultura.
- Identificar se quem está no Parque Ibirapuera conhece e frequenta seus equipamentos culturais, para apontar se os dez equipamentos do Parque, como estão estabelecidos, estão a serviço da população.
- Indicar os fatores que impedem quem está no Ibirapuera de usar os equipamentos culturais, para, assim, entender quais as barreiras dentro do

Parque. Se elas estão ligadas ao uso do espaço, à localização, repertório cultural, escolaridade ou classe econômica, por exemplo.

Ao tratar do Parque Ibirapuera, o estudo recorre à Rosa Grena Kliass (1993), Rosa Itálica Miglionico (2007), Paulo Cesar Nunes Júnior (2011), Sílvio Soares Macedo (2010) e Francine Gramacho Sakata (2010). E para abordar os equipamentos culturais dentro de São Paulo usa dados da Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas, organizada por João Leiva (2014), além de se basear em Isaura Botelho (2004).

2. AS CIDADES, A PRODUÇÃO DESIGUAL DO ESPAÇO E O PARQUE IBIRAPUERA EM SÃO PAULO

2.1 A Cidade Desigual

Em "A Liberdade na Cidade", David Harvey (2013) afirma que as pessoas precisam ter direito à vida urbana, colocando que as cidades devem atender às necessidades de todos. "A cidade pode ser julgada e entendida apenas em relação àquilo que eu, você, nós e (para que não nos esqueçamos) "eles" desejamos. Se a cidade não se encontra alinhada a esses direitos, então ela precisa ser mudada" (HARVEY, 2013: p.27).

Para Harvey, o direito à cidade não é somente um direito constitucional de acesso, é preciso haver o direto de transformar as cidades para que elas atendam às necessidades dos habitantes. O autor coloca que o direito à cidade não pode ser visto como individual, que depende do esforço coletivo e da formulação de direitos políticos para o coletivo. Mas afirma que não é o que acontece em meio à globalização e ao neoliberalismo.

> No entanto, o neoliberalismo transformou as regras do jogo político. A governança substituiu o governo, os direitos e liberdades têm prioridades sobre a democracia, a lei e parceiras público-privadas sem transparência substituíram as instituições democráticas, a anarquia do mercado e do empreendedorismo competitivo substituíram as capacidades deliberativas baseadas em solidariedade sociais. (HARVEY 2013: p.32).

A cidade está fragmentada, e o indivíduo tem diferentes possibilidades dependendo do lado do qual está. Para Ana Fani Alessandri Carlos (2001), por meio do poder que possui, o Estado age no espaço, com instrumentos legais, determinando os

usos e funções, o que acontece por meio dos investimentos em infraestrutura e valorização de áreas e solos, por exemplo.

> Neste plano, há uma lógica que tende a se impor como "ordem estabelecida" que define o modo como a cidade vai se reproduzindo a partir da reprodução, realizada pela ação dos promotores imobiliários, das estratégias do sistema financeiro, e da gestão política, às vezes de modo conflitante, em outros momentos de forma convergente, mas em todos os casos, orientando e reorganizando o processo de reprodução espacial, por meio da realização da divisão socioespacial do trabalho, da hierarquização, e da fragmentação dos espaços vendidos e comprados no mercado. A ação do Estado – por intermédio do poder local – ao intervir no processo de produção da cidade reforça a hierarquia de lugares, criando novas centralidades e expulsando para a periferia os antigos habitantes, criando um espaço de dominação. Com isso, impõe a sua presença em todos os lugares, sob o controle e vigilância (seja direta ou indireta). Nesse nível de realidade, o espaço produzido assume a característica de fragmentado (em decorrência da ação dos empreendedores imobiliários e da generalização do processo de mercantilização do espaço), homogêneo (pela dominação imposta pelo Estado ao espaço) e hierarquizado (pela divisão espacial do trabalho). (ALESSANDRI CARLOS, 2001: p.15).

Ermínia Maricato (2009) ressalta que a questão fundiária, as disputas imobiliárias e a dominação das terras em áreas com estrutura fragmentam a cidade e formam a periferia. A acessibilidade à escola, centros de saúde, lazer, áreas verdes, por exemplo, somadas a existência e qualidade de infraestrutura, transporte, água, luz e esgoto, determinam o preço e a formação econômico-social de quem vai habitar determinada área da cidade. E assim, o espaço urbano que o indivíduo habita também estabelece o que poderá fazer dentro dele.

Considerando a desigualdade socioespacial nas cidades, evidenciada por David Harvey, Ermínia Maricato e Ana Fani Alessandri Carlos, o texto problematiza a questão dos equipamentos de cultura com relação ao território, mostrando que eles estão concentrados em áreas centrais, privilegiando o acesso de uma pequena parte da população, e se aprofunda no estudo do Parque Ibirapuera, em São Paulo, que concentra dez equipamentos de cultura.

2.2. Parque Ibirapuera

O Parque Ibirapuera, o principal de São Paulo, nasceu para ocupar uma área alagadiça e só foi construído quando atrelado às comemorações do IV Centenário da

Cidade. De arquitetura modernista, o espaço recebeu edifícios pensados para o uso cultural, que foram questionados e ganharam outras utilidades ao longo dos anos, e hoje retornam à sua função inicial.

O Parque foi construído na Várzea do Ibirapuera, também conhecida como Várzea de Santo Amaro, área de inundação dos córregos Caaguaçu e Sapateiro, alagadiça e sem ocupação. Como revela Rosa Itálica Miglionico (2007: p.16) "Ibirapuera deriva do tupi-guarani *Ypy-ra-ouêra*, que significa 'árvore apodrecida' ou 'arvore podre', e não sem razão, afinal era uma área de charco alagadiça e pantanosa".

A intenção de criar um parque na área aparece, pela primeira vez, em relatório da Câmara Municipal, de 1926, como revela Rosa Grena Kliass (1993) em "Parques Urbanos na Cidade de São Paulo".

Segundo Miglionico (2007), o Parque Ibirapuera tem como início o Viveiro Manequinho Lopes, de 1928, e em 1930 é incluído no plano urbanístico viário da cidade, o Plano das Avenidas, apresentado por Prestes Maia. O documento explicita a diferença econômica entre os bairros que cercam a área do Parque e estabelece diretrizes para a construção do espaço considerando o entorno. A área "mais próxima aos bairros dos jardins, com predominância de classe alta e mais central, recebia tratamento 'com mais arte e delicadeza', adequado ao status da região e contemplado com área maior" (MIGLIONICO, 2007: p. 130).

O Ibirapuera, porém, só começa a se tornar realidade 25 anos depois, em 1951, atrelado às comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo. A Comissão do IV Centenário, responsável pelas comemorações, foi designada pelo governador Lucas Nogueira Garcez e o local foi decidido por Francisco Matarazzo Sobrinho, por se tratar de uma grande área, central, sem ocupação e de fácil acesso. Na cidade, ainda seriam criados outros espaços culturais, artísticos, esportivos e recreativos e o Parque abrigaria uma grande exposição.

> O arquiteto Oscar Niemeyer é convidado por "Cicillo" Matarazzo, em janeiro de 1952, para a idealização de um projeto que representasse a pujança o desenvolvimento e a tecnologia, ligado ao estilo moderno para as comemorações do IV Centenário da cidade. Os arquitetos convidados para a composição da equipe foram: Zenon Lotufo, Eduardo Knesse de Mello e Hélio Cavalcanti, com colaboração de Gauss Estelita e Carlos Lemos, que apresentaram o primeiro anteprojeto em maio do mesmo ano, introduzindo os preceitos da moderna arquitetura em escala monumental, compondo uma nova paisagem urbana para São Paulo (MIGLIONICO, 2007: p. 130).

O Ibirapuera foi inaugurado em 1954. Em Parques Urbanos no Brasil, Sílvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata (2010, p. 189) ressaltam que o projeto "dotou o parque de uma série de edificações para uso cultural, interligadas por uma curvilínea marquise se concreto. Esse projeto arquitetônico sofreu alterações, e durante anos, parte dos edifícios abrigou repartições públicas ao invés de espaços culturais".

Mas como afirma Paulo Cesar Nunes Júnior (2011), além das construções para uso cultural, o projeto do novo espaço público paulistano tinha como objetivo de criar espaços para recreação e também paisagísticos e esportivos.

> Ao concentrar as atividades de lazer populares dos mais diferentes tipos, ele atrairia o público geral de forma concentrada e criaria na dinâmica de seu funcionamento o papel de espaço, ao mesmo tempo acessível e em consonância com o modelo de "cidade organizada" (JÚNIOR, 2011: p.149).

Para o autor, São Paulo já tinha o maior parque industrial brasileiro e a obra modernista de Niemeyer representaria o espírito paulistano.

Segundo Rosa Grena Kliass o Parque foi construído, inicialmente, em uma área de 1.800.000m2, entre as ruas Manuel da Costa Nóbrega, Abílio Soares, Curitiba, pelo córrego Caguaçu, Avenida Brasil, Avenida IV Centenário, Rua França Pinto e Avenida Pública do Líbano. E ao longo dos anos, foi reduzido para 1.584.000 m2, atrelado aos interesses do Poder Municipal, Estadual e setor imobiliário.

> A área do parque ao norte da Avenida Brasil foi totalmente edificada, onde se instalaram o Ginásio de Esportes, o Quartel-General do Segundo Exército, a Assembleia Legislativa, o Circulo Militar, e o Departamento Estadual de Trânsito. (...) seu entorno hoje é constituído na sua posição nordeste, junto à Avenida Brasil, pelas áreas institucionais que lhe foram roubadas, a sudeste e a oeste, junto à Rua França Pinho e a Avenida República do Líbano, por bairros-jardins. (KLIASS, 1993: p. 166)

Os paulistanos foram se apropriando do Parque Ibirapuera e, como afirma Sílvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata (2010), com a conscientização da população com relação à importância nos parques, nas décadas de 80 e 90, a área começa a ser protegida de interesses e mudanças viárias. Entre alterações em benefício e preservação do Parque, está a transferência da Prefeitura, que ocupou um dos prédios do Ibirapuera, para o centro da cidade.

2.3. O Parque Ibirapuera hoje

Sessenta anos após a inauguração do Ibirapuera, a pesquisa "Hábitos Culturais dos Paulistas" (2014), idealizada pela consultoria JLeiva Cultura & Esporte e realizada pelo instituto Datafolha, afirma que o paulistano cita parque como espaço cultural mais frequentado da cidade, destacando que as áreas verdes abrigam museus, exposições, shows e concertos musicais. Entre eles, o Ibirapuera é o mais citado pelos moradores do Centro, Zona Leste, Oeste e Sul, e na Zona Norte só perde para o Parque da Juventude (LEIVA, 2015). Rosa Glena Kliass (1993) ainda ressalta que ele é frequentado por todas as classes sociais e faixas etárias.

Os dados são reforçados pelo site da Prefeitura de São Paulo (2015) que coloca o Parque como "um dos destinos mais procurados pela população paulistana e também uma das mais importantes áreas verdes, de cultura e lazer da cidade".

Sílvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata (2010) atribuem o grande público do Parque à localização do Ibirapuera, ao lado do Jardim América e Jardim Paulista, bairros ricos, em área central, com relativa facilidade de acesso.

O Parque, que nasceu com prédios pensados para o uso cultural, mas que tiveram diferentes destinos ao longo dos mais de 60 anos, abriga hoje dez equipamentos de cultura: Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer, Museu Afro Brasil, Pavilhão Lucas Nogueira Garcez (Oca), Pavilhão Ciccillo Matarazzo (sede da Fundação Bienal), Museu de Arte Moderna (MAM), Pavilhão Japonês, Bosque da Leitura e Departamento de Educação Ambiental/Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (DEA/UMAPAZ), além do Planetário, atualmente fechado para reforma, segundo a direção do Parque. E do Pavilhão das Culturas Brasileiras, também fechado para restauro, como afirma o site do equipamento.

Teixeira Coelho (1985), no livro "Usos da Cultura", entende por equipamento cultural:

> (...) tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus), quanto grupos de produtores culturais, fisicamente abrigados, ou não, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corpos de baile, companhias estáveis, etc.).

Além dos equipamentos culturais anteriormente citados, o Ibirapuera possui ainda a Escola de Jardinagem, a Divisão de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre, o Viveiro Manequinho Lopes, Escola Municipal de Astrofísica, Herbário e

Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO). "Além de pista de *cooper*, parque infantil, lanchonetes, áreas de estar, ciclofaixa, bicicletário, fonte multimídia, quadras poliesportivas, campos de futebol, aparelhos de ginástica e a Praça Burle Marx". (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015).

Porém, Rosa Grena Kliass (1993) coloca que:

> Se a implantação desse projeto deu vida à área, transformando-a em área de uso e recreação da população, ela também estabeleceu um conflito de funções que perdura até hoje. Sua concepção, muito mais arquitetônica que paisagística, dotou o parque de um conjunto de edificações, interligados por uma marquise. Inicialmente destinado aos pavilhões da exposição do IV Centenário, esse conjunto foi concebido para permanecer definitivamente ali, abrigando funções culturais. No entanto, a cidade ainda não estava preparada para dispor de tanto espaço construído reservado apenas às atividades culturais. Assim, a maioria dessas edificações tem sido utilizada por repartições públicas, o que exige uma dinâmica de circulação e estacionamento na área conflituosa com função de parque urbano. Mesmo que conseguisse manter as funções culturais pretendidas, a própria concepção do parque comprometeu o caráter e a escala de seus espaços devido ao tratamento subsidiário que lhes foi dado em relação às edificações (KLIASS, 1993: p. 165).

Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata (2010: p.39) ainda afirmam que "no Parque Ibirapuera, em São Paulo, os inúmeros edifícios eram, por sua concepção, a principal atração, gradativamente passam a atrações secundárias, já que a procura de locais ao ar livre faz de seus generosos espaços livres o seu maior atrativo".

3. A CIDADE DE SÃO PAULO E OS EQUIPAMENTOS DE CULTURA

3.1. A Desigualdade Socioespacial e a Cultura em São Paulo

Este capítulo é dedicado ao estudo dos equipamentos de cultura dentro de São Paulo, evidencia a produção desigual de espaço na cidade e a necessidade de deslocamento para quem mora longe do centro e quer ter acesso aos equipamentos culturais, além de apontar outras barreiras de acesso. O texto coloca em foco os museus, teatros, casas de shows, centros culturais, "vistos como equipamentos clássicos, mais identificados com a cultura de elite, mas de extrema importância e democratização necessária", como coloca Isaura Botelho (2004, p.3).

Ao tratar dos equipamentos de cultura, o artigo considera a cultura na dimensão sociológica, que, segundo Botelho (2001, p.74) "não se constitui no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a

intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão".

Como expõe a autora em "Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública", a distribuição dos equipamentos culturais em São Paulo é desigual.

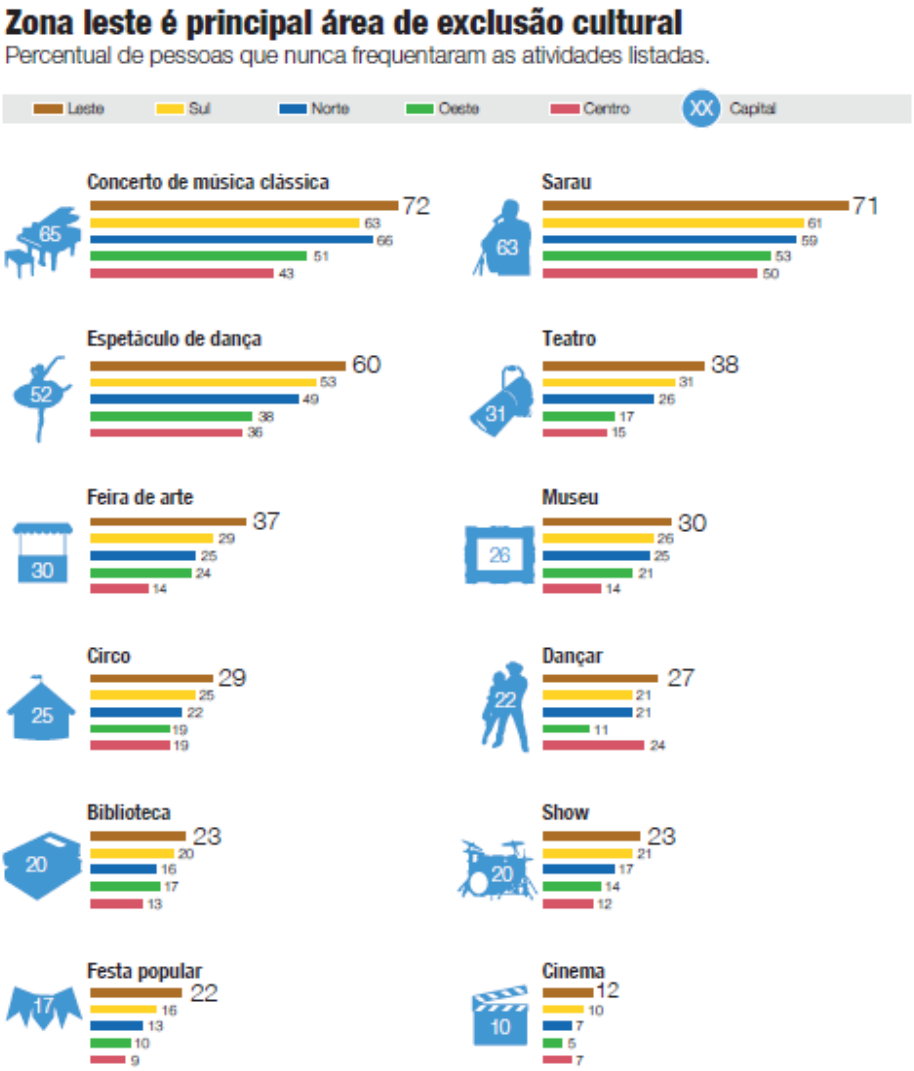
> A se considerar a cidade de São Paulo do ponto de vista da distribuição de equipamentos públicos e privados de cultura, poderíamos dizer que o quadro que se apresenta não é surpreendente. O que se revela é uma cidade desequilibrada onde há uma baixa correspondência entre crescimento urbano e a distribuição dos equipamentos culturais (BOTELHO, 2004: p.1).

A concentração dos equipamentos nos bairros do centro expandido, resultado da produção capitalista do espaço, e interferências do Estado, colocados por Ana Fani Alessandri Carlos (2001), é ressaltada pela Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas. Texto de Alessandro Janoni (2014: p.31) no livro que reúne dados do levantamento coloca que as exceções "são residuais, na maioria das vezes, mantidas, direta ou indiretamente, pela esfera pública, em termos quantitativos, com uma oferta muito longe de atender à demanda".

Segundo Botelho, no desenvolvimento das cidades os equipamentos culturais foram construídos em determinadas regiões onde os habitantes, com maior escolaridade e renda, já consumiam cultura. A autora coloca que em São Paulo eles estão, em maior número, no Centro e Zona Oeste.

Reforçando a desigualdade socioespacial e seus efeitos, a pesquisa organizada por João Leiva mostra que muitos dos moradores dos bairros não centrais da capital nunca foram a um concerto, sarau, espetáculo de dança e outras atividades. Já as pessoas que vivem no Centro e Zona Oeste, áreas que concentram a maior parte dos equipamentos culturais, são as que mais frequentam os espaços.

Figura I – Percentual de pessoas que nunca frequentaram atividades culturais



Fonte: LEIVA, 2014: p.93[1]

O gráfico, presente na Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas, aponta que 72% dos moradores da Zona Leste nunca foram a um concerto de música clássica, 71% deles nunca participaram de um sarau e 60% nunca estiveram em um espetáculo de dança. E os índices das regiões Sul e Norte seguem os da Leste, o que evidencia uma cidade desigual, cujos equipamentos estão concentrados no Centro e na Zona Oeste, como já foi colocado por Botelho. O cinema, que está nas diferentes regiões dentro dos shoppings, como será mostrado na sequência, é a atividade com o menor número de pessoas que nunca foram: 12% na Zona Leste e 5% na Zona Oeste.

[1] Para chegar a estes dados, o pesquisador João Leiva fez a seguinte pergunta: realizou ou frequentou nos últimos trinta dias, no último ano, há mais de um ano ou nunca realizou a atividade _____?
Base: total. Resposta estimulada e única por atividade.

> A prefeitura mantém, além do Teatro Municipal, sete teatros distritais (relativamente descentralizados). Já o estado mantém, além de seu cartão de visitas, que é a Sala de Concertos São Paulo, mais dois teatros: o São Pedro e o Sérgio Cardoso. Todas as demais salas são vinculadas a outras instituições públicas ou são teatros e salas de concerto privadas, principalmente concentradas nas regiões mais centrais e ricas (BOTELHO, 2004: p. 8).

Já com relação às bibliotecas, a autora afirma que estão espalhadas por toda a capital, mas que a quantidade não atende a toda a população. O mesmo acontece com as Casas de Cultura e as Oficinas Culturais, que estão nas periferias, mas em número insuficiente. Neste contexto, a autora cita a importância dos centros pertencentes às instituições privadas e destaca a Rede SESC, com treze sedes. Sobre os cinemas, coloca que estão dentro dos shoppings, e assim, em diversas regiões da cidade. Mas mesmo espalhadas, as salas existem em maior número nas regiões centrais, como mostra a Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas.

> Na média da cidade de São Paulo, dois a cada três paulistanos que já foram ao cinema costumam frequentar salas nos bairros próximos à sua casa. Se considerarmos só os moradores do centro da cidade, a taxa sobe de 65% para 77%, porque há maior disponibilidade de locais de exibição. Já para os habitantes do extremo norte da capital, a proporção é meio a meio, porque há relativamente poucos cinemas na região (TOLEDO, 2014: p.118).

Porém, mesmo que em quantidades desiguais, o fato do cinema estar nas diferentes regiões da cidade, faz com que ele seja mais frequentado que os demais equipamentos culturais, como as salas de concerto e teatros, evidenciando a importância de uma melhor distribuição dos equipamentos.

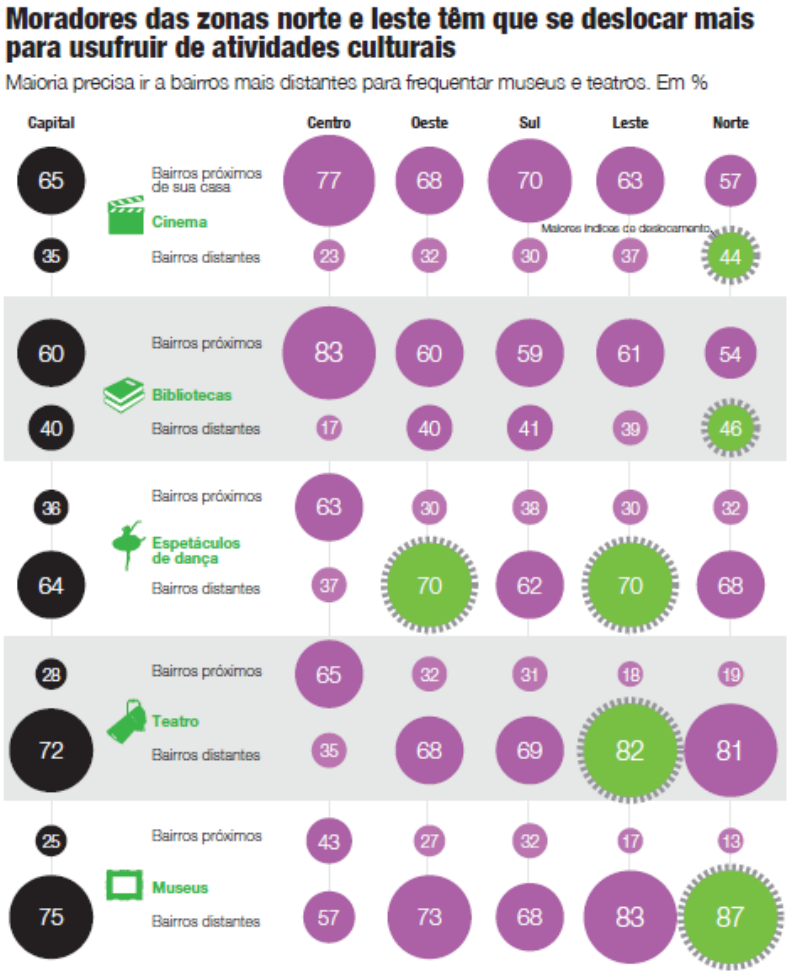
3.2. A Necessidade de Deslocamento

Com a concentração dos equipamentos culturais nas áreas centrais, José Roberto de Toledo (2014: p. 117) destaca a necessidade de deslocamento na cidade e no Estado, para participar de atividades culturais.

> Do ponto de vista da mobilidade urbana, há atividades culturais que os paulistas costumam fazer mais rotineiramente perto de casa, como ir às bibliotecas e ao cinema, e há aquelas que demandam deslocamento para bairros mais distantes, como assistir a espetáculos de dança, ir ao teatro, à exposições de arte e museus, segundo a pesquisa "Hábitos culturais dos Paulistas". Há, ainda, as que exigem viagens mais longas para outros municípios, como shows musicais e festas populares.

A Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas aponta que em São Paulo os moradores das regiões Leste e Norte são os que mais precisam se deslocar, reforçando a produção desigual do espaço.

Figura 2 – Deslocamento para realizar atividades culturais



Fonte: LEIVA, João, 2014: p.126[2]

Os números do gráfico mostram que para ir a espetáculos de dança, teatro e museus, a maior parte das pessoas das regiões Leste, Norte, Sul e Oeste, precisa ir a bairros distantes. Os cinemas e bibliotecas estão melhor distribuídos, como já foi evidenciado, e assim, exigem menor deslocamento dos moradores de todas as regiões. O gráfico ainda reforça que os habitantes das regiões Norte e Leste são os que mais se

[2] Para chegar aos deste gráfico acima, o pesquisador João Leiva fez a seguinte pergunta: você realiza a atividade em bairros próximos de sua casa ou em outros bairros mais distantes?
Base Total. Resposta estimulada e única por linha.

deslocam, seguidos dos habitantes da Zona Sul. Oitenta e sete por cento de quem está na Zona Norte e 83% de quem está na Zona Leste afirmam ter que frequentar um bairro distante para ir ao museu, a atividade que exige maior deslocamento em São Paulo, seguida do teatro e da dança.

E com a maior necessidade de deslocamento das classes mais baixas, que moram longe do centro, os equipamentos culturais acabam sendo usados pelas classes mais altas, que habitam as áreas centrais, como coloca Botelho (2004: p. 4):

> "Observado o fato de que os deslocamentos físicos se tornam, cada dia mais difíceis, pode-se dizer que a mobilidade territorial e o uso de equipamentos culturais se convertem, cada vez mais, em direito e privilégio das classes com maior poder aquisitivo".

3.3. As Barreiras para além da Centralidade

O fato dos equipamentos de cultura estarem nas áreas centrais e a necessidade de deslocamento são grandes barreiras, como já foi evidenciado, mas a proximidade dos equipamentos não garante o uso. A melhor distribuição precisa estar associada a outros fatores como a educação, hábitos culturais e poderio econômico, que possibilita a ida às atividades pagas.

> As pesquisas internacionais existentes apontam para o fato de que as maiores barreiras à aquisição de hábitos culturais são de ordem simbólica. A primeira lição que se extrai desta evidência é a lei do sistema de gostos: não se pode gostar daquilo que não se conhece; logo, o gostar e o não gostar só podem existir dentro de um universo de competência cultural, significando uma soma da competência institucionalizada pela hierarquia social, pela formação escolar e pelos meios de informação. Neste sentido, todos os estudos internacionais sobre práticas e consumos culturais mostram que é necessário observar a correlação entre acessibilidade a equipamentos (que tem diretamente a ver com os mapas de sua distribuição) e outros fatores, tais como recursos econômicos, escolaridade e a existência de hábitos culturais prévios aliados à educação (BOTELHO, 2004: p. 13).

Com relação à escola a Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas aponta que sua influência é baixa quando o assunto é atividade cultural. Os maiores influenciadores são os pais com 17%, seguidos dos amigos, da família, cônjuges, namorados e dos filhos, todos com índices maiores que a escola, que detém apenas 6%.

> Assim, não é propriamente uma surpresa que irrisórios 6% dos 7.939 respondentes do estado de São Paulo à pesquisa "Hábitos culturais dos

> paulistas", de 2014, apontem a escola, os professores e os orientadores com as principais influências para realizar determinadas atividades culturais e de lazer. Esse dado é praticamente idêntico na escola pública (6%) e na particular (5%) (ROSSETTI, 2014: p.66).

Por outro lado, a pesquisa mostra que apesar dos amigos, família, namorados terem maior influência em relação às preferências culturais "20% dos respondentes citam que a educação na escola estimulou bastante suas atividades culturais" (ROSSETTI, 2014: p.67).

Os dados ainda apontam que quem tem maior escolaridade consome mais bens culturais do que quem estudou menos. Assistir televisão está entre as atividades prediletas de quem não passou pela universidade e tem apenas 15% de quem frequentou. Os números apontam que as pessoas que tem o ensino superior vão mais ao cinema, teatro e leem mais.

> Entre os respondentes do estado de São Paulo, 46% dos que não frequentaram a escola dizem gostar de assistir televisão em seu tempo livre, ante 15% dos que cursaram ensino superior. Estes preferem ler livros (21%), o que apenas 6% dos que cursaram até o ensino fundamental fazem. (ROSSETTI, 2014: p.66).

O que acontece com relação à literatura se repete em outras áreas: 17% dos que tem ensino superior afirmam ir ao cinema no tempo livre, o que acontece com 2% dos que possuem o ensino fundamental. Um por cento das pessoas com ensino fundamental diz ir ao teatro no tempo livre, frente a 6% de quem tem o ensino superior.

Em relação às escolas, Botelho ressalta a importância de ações que envolvam educação e cultura, usando os centros de ensino já existentes, afirma que eles existem em grande número, mas que há um déficit de uso para fins culturais. Aponta a necessidade de qualificação do professor, assim como a abertura desses espaços aos sábados e domingos para que a comunidade frequente.

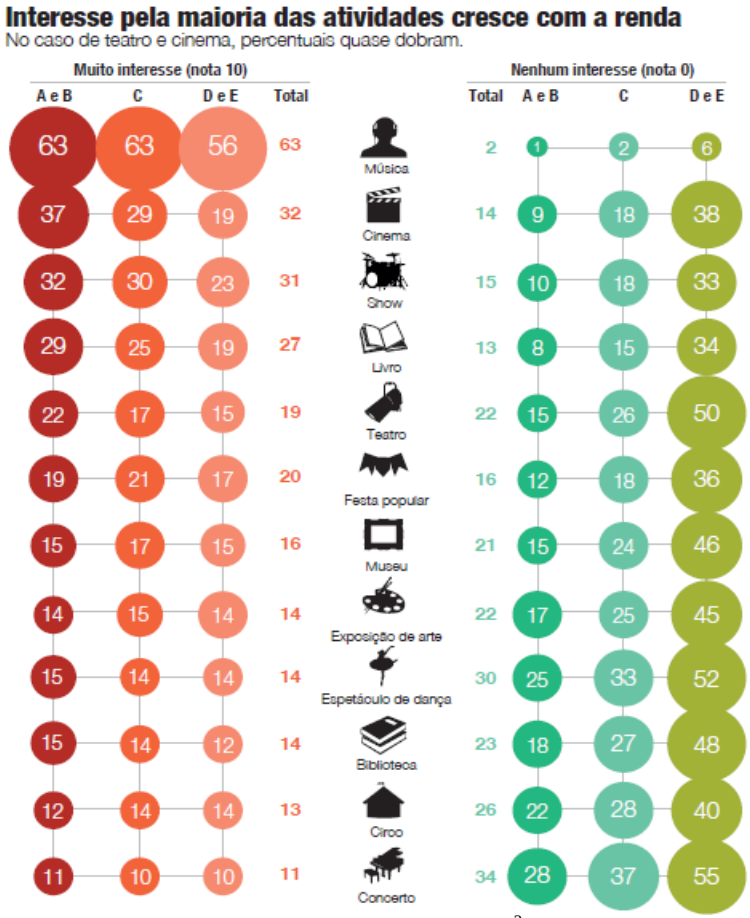
> Isto significa dizer que, do ponto de vista da gestão cultural, há de se considerar dois aspectos: em primeiro lugar pode-se fazer esse investimento no sócio-cultural simplesmente colocando esses espaços à disposição da comunidade para o desenvolvimento de atividades culturais e de lazer. Em segundo lugar, trata-se de um investimento em médio e longo prazos que visa à melhoria da formação do alunato, onde as artes e a cultura cumprem um papel de ampliação de universo expressivo e de conhecimento de outras linguagens. Este segundo aspecto envolve medidas de caráter legal (inclusão de disciplinas na grade curricular), de formação (preparação do professorado) e de

> equipamento específico para o desenvolvimento dessas disciplinas (BOTELHO, 2004: p. 14).

A Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas ainda evidencia que assim como quem tem maior escolaridade, quem tem mais dinheiro, tem mais acesso.

> A renda é determinante no acesso à cultura, o que significa fazer parte das classes de renda alta aumenta a probabilidade de ser um consumidor cultural ativo. O diferencial de renda é bem importante na determinação do acesso ao cinema, shows, teatro e leitura de livros (BARBOSA, 2014: p.54).

Figura 3 – Grau de interesse nas atividades culturais



Fonte: LEIVA, 2014: p.61 [3]

Os números do gráfico mostram que as classes D e E têm muito menos interesse em todas as atividades culturais e só se mostram bastante interessadas quando o assunto é música.

---

[3] Para chegar a estes dados, o pesquisador João Leiva fez a seguinte pergunta aos entrevistados: qual o seu grau de interesse em ...?
Base total. Resposta estimulada e única por atividade.

O levantamento também evidencia a diferença de renda e escolaridade nas diferentes regiões de São Paulo. Aponta que quem está no Centro tem a renda 74% maior e também estudou mais. A publicação reforça a influência dos dois fatores na ida ao cinema e outros equipamentos.

> A renda familiar de um é 74% maior que a do outro: em media, R$ 5,4 mil contra R$ 3,1 mil por mês. A proporção de chefes de família com nível superior de escolaridade chega a 41% no centro, quase três vezes mais que na periferia. Assim, a pesquisa JLeiva Cultura & Esporte mostra que o consumo de cultura é diretamente proporcional à renda a à escolaridade. Não só quem ganha mais tem condições de comprar ingressos, como se mostra mais disposto a isso. A maior parte dos moradores do centro paulistano diz que não vai ao cinema por falta de tempo. Os da periferia, por falta de interesse. Os habitantes da extrema periferia leste da capital paulista são ainda mais pobres do que os da periferia norte (LEIVA, 2014: p.118/ 119).

Mas Isaura Botelho aponta que não basta disponibilizar centros de cultura e fazer com que as pessoas tenham acesso às produções, para incluir quem está excluído. A autora chama a atenção para a necessidade de enxergar, se considerar, abrir espaço para as diferentes produções, que vão além do erudito, já validado. Aponta para a necessidade de se incentivar e difundir a cultura popular. Ressalta que existe pluralidade no que produzido, assim como existem diferentes públicos a serem contemplados, destacando que o desenvolvimento cultural vai além do acesso ao que é feito.

> Trata-se sim, de aceitar a diversidade de padrões de cultura e, considerado o conjunto do que é produzido e colocado à disposição, observar de forma mais efetiva a existência de vários públicos. Ou seja, não existe o público, no singular, e um padrão de resposta a qualquer mudança que se promova na oferta. O que há é um conjunto de públicos diferentes, com respostas diferentes conforme localização espacial, faixa etária, condição de classe, história familiar, bagagem cultural. Esta diversidade de públicos é correlata a uma pluralidade de padrões de cultura que evidencia distintas possibilidades de escolha, as quais devem ser levadas em conta para que políticas de democratização da cultura deixem de se apoiar em premissas duvidosas, quase sempre não explicitadas, tais como só a cultura erudita, valor sacralizado, merece ser difundida, ou basta que haja o encontro entre a obra e o público (indiferenciado) para que haja desenvolvimento cultural (BOTELHO, Isaura, 2004: p.2 e 3).

4. DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL EM SÃO PAULO: O PARQUE IBIRAPUERA E SEUS EQUIPAMENTOS DE CULTURA

4.1. Estratégias Metodológicas

O último capítulo apresenta a pesquisa de campo com os frequentadores do Ibirapuera, além das entrevistas com Heraldo Guiaro, diretor do Parque, e com representantes dos equipamentos culturais sediados no espaço.

A pesquisa de campo com os usuários do Parque foi divida em duas partes, a primeira, objetiva, traça o perfil socioeconômico do entrevistado, verifica onde mora, questiona se existem outros parques e equipamentos culturais na região de moradia, e traz perguntas relacionadas ao acesso ao Ibirapuera.

A segunda parte da entrevista, registrada em áudio e posteriormente transcrita, percebe como os frequentadores veem os equipamentos de cultura, se conhecem, se frequentam, se há a apropriação do Parque e dos seus equipamentos, e quais são as barreiras de acesso. A pesquisa de campo foi feita nos dias 6 e 7 de setembro de 2015, domingo e segunda de feriado, dias de grande movimento.

As entrevistas foram realizadas nas proximidades do portão 9 (entrada de quem vai a pé ou de bicicleta da Avenida Brasil, que corta uma região de classe alta) e também próximo dos portões 3, 4 e 10, na Avenida Pedro Álvares Cabral (entradas de quem chega no Parque de ônibus, vindo de diferentes pontos da cidade, ou de carro, considerando que os portões 3 e 10 que também são acesso para quem vai ao Parque em veículo particular). Do mesmo modo, o questionário foi aplicado próximo aos portões 8, da Rua República do Líbano, e 6, da Avenida Quarto Centenário, regiões de classe alta. Dentro os portões citados, normalmente os de maior movimento são 3, 10, 6 e 4, nessa ordem.

4.2. Os Equipamentos de Cultura do Parque

Segundo Heraldo Guiaro, diretor do Parque, o Ibirapuera tem um custo mensal de manutenção de aproximadamente R$ 2.080.000,00. A direção não tem dados atualizados sobre os usuários do Parque, os números mais recentes são de 2007, e revelam que o espaço recebia naquele ano quase 13.200.00 pessoas em dias de maior movimento, cerca de 1.100.000 pessoas por mês, com exceção para janeiro, fevereiro e

julho, meses de férias escolares em que o público aumenta consideravelmente. (Entrevista concedida em 23/08/2013). Segundo informações Folha de S. Paulo (2014), o Parque recebe em média 220 mil pessoas por semana, sendo o domingo o dia mais lotado, com cerca de 120 mil visitantes.

O Parque reúne dez equipamentos de cultura, como já foi colocado. Eles estão dispostos no espaço conforme mapa abaixo, presente no folder do Ibirapuera:

Figura 4 – Equipamentos Culturais do Parque Ibirapuera

Fonte: PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015

As respostas da Bienal de São Paulo mostram que ela teve a primeira edição na Esplanada do Trianon, em 1951, na região da Avenida Paulista. A segunda exposição já foi no Parque, ocupou o Palácio dos Estados (Pavilhão das Culturas Brasileiras) e o Palácio das Nações (Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, que hoje abriga o Museu Afro Brasil). Em 1957, a Bienal ganhou sede fixa, o Pavilhão Ciccillo Matarazzo, onde permanece. O espaço é da Prefeitura Municipal de São Paulo, cedido em comodato à Fundação Bienal de São Paulo, responsável pelas exposições que são realizadas a cada dois anos. A última, em 2014, teve 472 mil visitantes. A entrada é gratuita e o público é de cerca de seis mil pessoas, às sextas-feiras, sábados e domingos, dias de maior movimento. "A Fundação Bienal tem a missão de apresentar e debater a arte contemporânea por meio da realização da Bienal de São Paulo e de outras ações pertinentes nos âmbitos nacional e internacional" (Entrevista concedida em 08/09/2015).

O Museu Afro Brasil foi fundado em 23 de outubro de 2004, pertence ao Governo do Estado de São Paulo, e é administrado pela Associação Museu Afro Brasil – Organização Social de Cultura. Ocupa, desde o início, o Pavilhão Padre Manoel da

Nóbrega. Em 2014, recebeu 209.097 visitantes, os dias de maior movimento são sábado e domingo, com um público médio de 800 pessoas. Com as exposições como a Africa Africans, realizada de junho a agosto de 2015, o público cresce, chegando a 2.146, no domingo 30.08, ultimo dia da exposição. O acervo do museu ocupa o primeiro andar e, paralelamente, é realizada uma média de 15 exposições por ano, com cerca de três meses de duração cada. O museu fica aberto de terça-feira a domingo, os ingressos custam R$ 6,00, a entrada é gratuita a todo o público às quintas-feiras e aos sábados. O espaço tem como visão "Promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional" (Entrevista concedida em 04/09/2015).

O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que funciona desde 1969, sempre no mesmo prédio. Em 2014, teve um público de 36.645 pessoas, e na última exposição, Museu Dançante e Piero Manzoni, de abril a junho, recebeu 11.763 pessoas. O ingresso custa R$ 6,00, e a entrada é gratuita aos domingos. Além das exposições, o espaço tem atividades gratuitas, entre as quais está o Domingo MAM, realizado na área externa aos domingos, com média de público de 100 pessoas. O site do museu (MAM, 2015) coloca que o programa "convida o público do parque a experimentar diferentes maneiras de se relacionar com a arte através de distintas linguagens como a dança, a música, manifestações da cultura popular e oficinas artísticas". O Museu de Arte Moderna também possui o Jardim de Esculturas, projeto de Roberto Burle Marx, com cerca de 30 esculturas. O museu tem como missão "colecionar, estudar, incentivar e difundir a arte moderna e contemporânea brasileiras, tornando-as acessíveis ao maior número de pessoas possível" (MAM, 2015).

O Auditório Ibirapuera – Oscar Niemeyer foi inaugurado em 2005, e desde 2011, o Equipamento da Prefeitura de São Paulo tem como gestor e curador o Itaú Cultural. O espaço tem atividades todas as sextas, sábados e domingos, e em outros dias da semana, com 79% dos lugares ocupados. Os ingressos custam R$ 20,00 e o Auditório também possui programação gratuita no interior do prédio e na plateia externa (Entrevista concedida em 10/09/2015).

> O Auditório tem por finalidade receber atividades culturais compatíveis com sua dimensão e atributos, promovendo ações nas áreas de teatro, dança, literatura e audiovisual e especialmente musica. Na área musical serão realizados diversos espetáculos, como os de

> jazz, musica erudita, popular, instrumental e regional, recebendo uma programação plural e abrangente, que respeite a vocação do espaço, propicie a ampliação da oferta cultural e contemple a diversidade estética, de gêneros, épocas e tendências, sempre com ênfase na musica brasileira (AUDITÓRIO IBIRAPUERA, 2015).

O Pavilhão Japonês foi uma doação do Governo Japonês e da comunidade nipo-brasileira para São Paulo, em 1954, em comemoração ao IV centenário da cidade. Foi inaugurado em 6 de setembro de 1954 e ocupa o mesmo local desde então. É administrado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – Bunkyo. O espaço fica aberto de quarta a domingo e aos feriados. Aos domingos, dia de maior movimento, costuma receber 160 visitantes, em 2014 teve um público de 15.595. O Pavilhão conta com acervo de arte japonesa e recebe exposições temporárias, sempre relacionadas à arte e cultura do país, além de outras atividades como oficinas e concertos. O ingresso custa R$ 8 reais. "O Pavilhão Japonês segue as diretrizes de sua entidade mantenedora (Bunkyo): representar a comunidade nipo-brasileira e promover a preservação e divulgação da cultura japonesa no Brasil e da brasileira no Japão, bem como incentivar e apoiar as iniciativas voltadas a esta finalidade" (Entrevista concedida em 31/08/2015).

O Museu da Cidade, equipamento que tem, entre as suas unidades, o Pavilhão das Culturas Brasileiras e Pavilhão Lucas Nogueira Garcez (Oca), não respondeu às entrevistas. Por email, o representante do Museu colocou, em 25 de agosto de 2015, "estamos em plena reorganização das questões referentes à Oca e ao Pavilhão das Culturas Brasileiras".

A Oca, administrada pela Secretaria da Cultura, foi projetada para apresentações de esculturas, abrigou o Museu do Folclore e Museu da Aeronáutica. Além da Mostra do Descobrimento, e segundo texto publicado no site do Museu da Cidade:

> (...) a grande repercussão alcançada por aquele evento acabou levando a continuidade da atuação da associação privada responsável pela sua organização, que seguiu com a montagem de grandes exposições temporárias, que não só acabaram definindo a finalidade de seu uso desde então como também garantiram uma relevante posição dentro do mapa cultural da cidade (MUSEU DA CIDADE, 2015).

A espaço promove exposição do acervo e outras exposições temporárias. Sobre o Pavilhão das Culturas Brasileiras, o site do Museu da Cidade (2015), informa que "a casa está fechada para obras de restauro. Sem previsão de abertura". O Pavilhão das Culturas Brasileiras foi sede da Bienal de Artes de São Paulo (1953), do Pavilhão dos

Estados, durante o IV Centenário de São Paulo (1954), e cedido para exposições esporádicas. Também chegou a abrigar o Prodam, Companhia de Processamento de Dados do Município. O site do Museu da Cidade coloca que "desde 2007, o Pavilhão vem passando por intervenções arquitetônicas determinadas pela Secretaria Municipal de Cultura e destinadas a livrá-lo das descaracterizações que sofreu no período em que abrigou repartições públicas" (MUSEU DE CIDADE, 2015). E também afirma que:

> (...) o projeto propõe criar um espaço de exposição e um centro de referência e pesquisa voltado para a salvaguarda e divulgação da diversidade cultural brasileira e, em especial, do patrimônio material e imaterial das culturas menos favorecidas da população, que têm até hoje menor visibilidade institucional (MUSEU DE CIDADE, 2015).

O Departamento de Educação Ambiental/Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (DEA/UMAPAZ), da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, não respondeu as perguntas e direcionou a pesquisadora para o site. O site informa que a Universidade "proporciona livre acesso para a construção de conhecimentos relativos ao meio ambiente e cultura da paz com o foco na realidade urbana e ambiental da cidade polo da metrópole paulista, a partir de seus desafios e potencialidades". A Universidade é formada pela Escola Municipal de Astrofísica, Escola Municipal de Jardinagem, Formação e Difusão de Projetos em Educação Ambiental.

Na entrevista concedida em setembro deste ano, Heraldo Guiaro, diretor do Parque, colocou que o Planetário, fechado desde 2013, e o Bosque da Leitura, fechado há mais de um ano, passam por reforma e manutenções. Assim, os equipamentos não foram analisados pela pesquisadora. O Bosque da Leitura foi reinaugurado em 18 de outubro de 2015. O parque ainda possui a arena de eventos, com shows esporádicos.

Há uma incerteza com relação ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, MAC USP. Inicialmente, o diretor do Parque não cita o museu entre os equipamentos de cultura do Ibirapuera. Em resposta posterior, ele afirma que sim, e coloca que o mapa do Ibirapuera inclui o Museu. Em entrevista por email, Sérgio Miranda, que responde pela comunicação institucional do MAC, afirma que "o MAC USP não está propriamente "dentro" do Parque Ibirapuera, mas de certo modo a frequência acaba integrando os espaços" (Entrevista concedida em 26/08/2015).

As entrevistas evidenciaram que a administração do Parque possui dados desatualizados sobre o espaço, e os equipamentos culturais do Ibirapuera não têm

informações como a classe social e região da cidade do visitante, por exemplo. O MAM (2015) possui a escolaridade por exposição, e revela que em Museu Dançante e Piero Manzoni, de abril a junho, foram 54,02% (Ensino Superior), 27,76% (Ensino Fundamental), 9,20% (Ensino Médio) e 9,02% (Educação Infantil).

A programação dos equipamentos culturais é divulgada em sites relacionados ao Parque, páginas dos equipamentos, organizações que os gerem, além das redes sociais e aplicativos, como o "Meu Ibira". E também é feita por meio do email marketing. Paralelamente, a Fundação Bienal, o MAM e o Auditório Ibirapuera afirmam trabalhar com assessoria de imprensa e publicidade.

Grande parte dos equipamentos não divulga a programação na área do Parque, os únicos que divulgam são o Auditório Ibirapuera e o MAM. O Auditório coloca que tem um *totem*, localizado em frente ao prédio, com a programação da semana, e o MAM divulga a programação no entorno do equipamento e nos restaurantes do Parque. O Pavilhão Japonês não divulga as atividades regulares no Ibirapuera, isso acontece somente em datas comemorativas "quando são realizados eventos especiais, são fixadas faixas para divulgação das atividades ao público, seguindo as normas estabelecidas pela Administração do Ibirapuera" (Entrevista concedida em 31/08/2015). A Fundação Bienal afirma que já divulgou as atividades no Parque, mas de maneira limitada.

A programação na área externa também é pouca. O Auditório Ibirapuera afirma realizar uma apresentação por mês, aos sábados e domingos pela manhã ou no final da tarde, e o Museu de Arte Moderna tem o Jardim de Esculturas e o Domingo MAM.

As entrevistas ainda evidenciam que o Parque tem equipamentos que estão fechados por um longo período, sem nenhuma atividade, como o Planetário, que não atende a população desde 2013. O Pavilhão das Culturas Brasileiras, também fechado, passa por alterações arquitetônicas desde 2007. Outros equipamentos vêm alterando o perfil da programação e ainda existem dúvidas quanto ao MAC como equipamento do Ibirapuera.

4.3. Conhecimento e Frequência dos Equipamentos de Cultura do Parque

As entrevistas com os usuários do Ibirapuera apontam que o Parque é frequentado por pessoas de todas as classes sociais, vindas das diferentes regiões da cidade, como mostra a pesquisa "Hábitos Culturais dos Paulistas". No parque, foram entrevistadas pessoas que detém renda média de 1 a 2 salários a aqueles cuja família

recebe mais de 19 salários, o valor máximo colocado no questionário. Os usuários do espaço vêm de todas as regiões da cidade: Sul, Oeste, Leste e Norte, e também da Grande São Paulo. O Ibirapuera é ponto de encontro de pessoas que moram nas diferentes regiões da capital. "Eu venho menos de uma vez por mês, normalmente para encontrar amigos que moram longe, ou conseguir ter acesso a uma área livre." (Entrevista 19 concedida em 06/09/2015). Muitas pessoas demoram mais de 1 hora e meia para chegar e a maior parte usa transporte público, carro ou moto. Doze pessoas, mais de um terço, afirmam não ter equipamento cultural na região de moradia.

As conversas mostram que a maior parte deles, quatorze dos trinta entrevistados, conhece um ou no máximo dois equipamentos. O conhecer, aqui, também pode ser lido como já ouviu falar ou lembra. Eles são seguidos por quem não conhece nada (5) e pelos que citam três equipamentos (4). O número máximo de equipamentos que os entrevistados lembram é quatro (3).

Os equipamentos culturais mais conhecidos são o Museu Afro Brasil e o Museu de Arte Moderna, cada um deles foi citado por dez pessoas, um terço dos entrevistados. Oito citaram o Planetário, o terceiro mais lembrado, mesmo fechado. Sete frequentadores do parque falaram da Oca, seis da Fundação Bienal e cinco do Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer. Os menos citados foram o Pavilhão Japonês, lembrado por duas pessoas, o Pavilhão das Culturas Brasileiras e a Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz, lembrados por apenas um usuário. O Bosque da Leitura não foi citado.

O Parque está dividido, há uma parte do Ibirapuera frequentada por quem tem menor renda, próximo aos portões 10, 3 e 4, entrada de quem chega ao Parque de ônibus. E um lado concentra pessoas com mais renda, próximo aos portões 8, da Rua República do Líbano, no bairro Vila Nova Conceição e 6, da Avenida Quarto Centenário, no bairro Jardim Lusitânia, ambos de classe alta. Entre as cinco pessoas que não conhecem os equipamentos, quatro delas estavam na parte mais popular do Parque. A análise dos dados coletados nessas entrevistas reforça a influencia do fator renda na visitação aos espaços culturais, como coloca a pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas, anteriormente citada.

Quando a pergunta é: você frequenta os equipamentos culturais do Parque? Quais frequenta? Quatorze pessoas, a metade dos entrevistados, afirmam não frequentar. Quatro, dos trinta entrevistados, colocam que já foram à Bienal, três ao Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer e ao Museu de Arte Moderna, dois ao Museu Afro Brasil, dois lembram ter ido ao Planetário e um à Oca. Há os que foram uma única vez e

outros afirmam ter ido mais vezes, alguns citam que as visitas são feitas quando muda a exposição. Outra resposta comum entre os entrevistados foi: quando a programação me interessa. “Eu trabalho com cultura, sou percussionista. Geralmente estou tocando, e não consigo acompanhar todos. Mas quando venho para o Auditório, é porque a programação me interessa, algum show que eu goste e seja interessante para mim” (Entrevista 11 concedida em 06/09/2015).

Há, ainda, respostas como “não com tanta frequência, já vim uma vez ou outra. Não lembro o nome” (Entrevista 14 concedida em 06/09/2015). Muitas pessoas não lembram o nome dos equipamentos, ou não tem certeza dele.

Durante a entrevista, uma das frequentadoras do parque coloca que a ida às exposições era regular quando estava na escola. “No começo acompanhava todo ano. Vinha com a escola. Depois saí da escola, ai perdi um pouco” (Entrevista 18 concedida em 06/09/2015), sobre a Bienal.

Do lado do parque frequentado por pessoas de maior renda, há um constrangimento em dizer que não conhece os equipamentos culturais. “O MAM, algum desses aqui... Já fui à Bienal. Nossa, sou péssima de cultura. Desculpa, estou até com vergonha”, ao ser questionada sobre os equipamentos que frequenta (Entrevista 21 concedida em 07/09/2015). Tem usuário do Parque que afirma ir uma vez por mês ao Planetário, atualmente fechado. Na parte de maior renda, os equipamentos mais frequentados são a Bienal e o MAM. As pessoas afirmam saber da programação pela divulgação feita na imprensa, principalmente na televisão.

4.4. O Lazer é que leva as Pessoas ao Parque

A maioria dos entrevistados coloca que vai ao Parque para ficar ao ar livre, em contato com a natureza, ao lado da família e dos amigos. Para muitos frequentadores, o Ibirapuera também é espaço para praticar esporte, pedalar e caminhar. Os museus e shows também são citados como motivo de ida ao parque, porém em menor número.

O Parque é espaço de lazer. “Eu venho mais com amigos fazer programa assim, para lazer, para espairecer um pouco. Normalmente a gente traz bola ou patins, skate, esse tipo de coisa” (Entrevista 18 concedida em 06/09/2015). A família é citada com frequência nas conversas. “Eu venho para os meus filhos ficarem brincando mais, e eles andarem de bicicleta aqui” (Entrevista 16 concedida em 06/09/2015). E o Ibirapuera é ponto de encontro dos amigos. “Eu venho menos de uma vez por mês. Normalmente

venho para encontrar amigos que moram longe, ou conseguir ter acesso à uma área livre" (Entrevista 19 concedida em 06/09/2015).

A ida ao espaço também é vista como possibilidade de contato com a natureza, de ficar ao ar livre. "Para aproveitar uma pouco disso aqui. Ou seja, respirar um ar mais fresco, sem barulho de carro, sem poluição. Paz, um pouco de paz" (Entrevista 28 concedida em 07/09/2015).

É lugar para a prática de esporte e algumas pessoas citam os shows, a exposições. "Bom, geralmente venho praticar esporte, eu jogo basquete, gosto de jogar futebol também. Hoje eu vim para ver a parte de museu, exposições. Hoje, especificamente" (Entrevista 11, concedida em 06/19/2015). Os shows ao ar livre, também são lembrados. "Geralmente eu venho quando tem show, eu já vim ver bastante show aqui, festival de jazz e esporte, são os que mais me trazem para cá. Quando tem algum outro evento relacionado com o esporte eu também venho" (Entrevista 11, concedida em 06/09/2015).

O amor ao parque, espaço do qual os frequentadores já se apropriaram, aparece durante a pesquisa. "Primeiro porque eu amo o Ibirapuera, trabalho no Ibirapuera há 15 anos. Adoro trabalhar no parque. Ele é tudo para mim, é minha diversão, é trabalho, ganho dinheiro, ganho amizade" (Entrevista 6 concedida em 06/09/2015).

O Parque é um dos destinos mais procurados pela população paulistana, como já foi colocado, e o cartão postal também atrai muitos turistas. "Porque é o símbolo de São Paulo, a gente gosta de vir aqui e não fazer nada. Ver as árvores, a estrutura do Parque" (Entrevista 13 concedida em 09/09/2015). E o turista carioca afirma "ouvi falar bem do parque, como ele está entre os 10 maiores parques do mundo, eu decidi dar um pulo aqui, para poder conhecer melhor" (Entrevista 9 concedida em 06/09/2015).

O lago, área verde, a natureza são as principais respostas à pergunta: qual o seu lugar predileto do Parque? Parquinhos, a área de skate e patins e a ciclovia, também foram bastante lembrados. "Eu curto a área verde em si, todos os espaços" (Entrevista 15 concedida em 06/09/2015).

O palco externo do Ibirapuera, e a Praça da Paz, lugares de shows gratuitos, também foram citados.

> "A frente do palco.... Poxa! Não sei o nome. O palco do Auditório do Oscar Niemeyer, que é aquele onde tem os shows grátis abertos, ali é o meu lugar predileto porque tem os shows, mas quando não tem

> também é, porque tem as árvores, ali por perto e tal, eu sempre fico ali naquele lugar" (Entrevista 1 concedida em 06/ 09/2015).

4.5. As Barreiras de Entrada nos Equipamentos de Cultura dentro do Parque

A principal barreira apontada pelos frequentadores do parque para a entrada nos equipamentos culturais sediados no espaço é o desconhecimento dos equipamentos e de suas respectivas programações, seguida da falta de tempo. Os entrevistados ainda colocaram que vão ao Ibirapuera para outra atividade. Citaram a dificuldade de deslocamento e acesso, a falta de interesse pela programação, falta de hábito de ir aos equipamentos culturais, dinheiro e as filas. Os fatores muitas vezes estão atrelados.

Dividindo o parque, os motivos variam. Na parte do Ibirapuera mais frequentada por quem tem menor renda, o principal motivo é a falta de conhecimento dos equipamentos e de suas respectivas programações, seguida da falta de tempo. Aqui também aparece o deslocamento, dificuldade de acesso, falta de hábito, dinheiro e a falta de interesse na programação. Do lado do Ibirapuera que concentra pessoas com maior renda, a resposta mais comum é a ida ao parque para outra atividade, seguida de desconhecimento da programação. Como barreiras também apareceram a falta de tempo, de interesse, e as filas.

O fato dos equipamentos culturais estarem nas áreas centrais e a necessidade de deslocamento, levantadas no trabalho, são reforçadas por quem está dentro do Parque. "Minha residência é longe daqui, aqui é área central, eu moro um pouco mais afastado, e isso dificulta. Faltam muitas coisas, atrações culturais mais voltadas para os extremos, deixa muito a desejar" (Entrevista 15 concedida em 06/09/2015). A dificuldade de acesso também foi colocada: "é bem difícil o acesso, eu vir para cá." (Entrevista 19 concedida em 06/09/2015).

Quem mora nas áreas centrais tem mais opções de equipamentos culturais e também outros parques perto de casa, e acaba optando por eles. "Porque não faz parte do meu roteiro, geralmente como eu estou ali na Zona Oeste, minhas opções são teatro e cinema. Como tenho Villa Lobos, tem o Parque do Povo, tem outros mais perto de casa, tem o Jóquei, é raro eu vir" (Entrevista 5 concedida em 06/09/2015).

O tempo é um dos principais fatores. "Bom, eu gostaria de ir a todos, às vezes é o tempo, o trabalho, às vezes estou na correria, estou correndo atrás do meu, não consigo ir" (Entrevista 11 concedida em 06/09/2015). A vendedora que trabalha no

Ibirapuera coloca que tem muita vontade de entrar nos museus, mas falta tempo. “Muita, muita, tanto sinto que dou graças as deus quando chove para eu ir olhar tudo isso” (Entrevista 6 concedida em 06/09/2015).

O desconhecimento dos equipamentos culturais sediados dentro do Parque aparece como a grande barreira, muitas vezes aliado a outros fatores como a falta de tempo, por exemplo. “A existência desses museus não chega pra gente. Esse museu japonês e os outros eu não conhecia mesmo, não sabia que existiam aqui. Geralmente é mais isso. Se eu soubesse, iria a todos. Se soubesse e se tivesse tempo” (Entrevista 11 concedida em 06/09/2015).

Durante a conversa, ao saber da existência dos equipamentos, vários entrevistados mostraram ter vontade de conhecer. “Agora que eu vi que tem um Pavilhão Japonês, fiquei interessado em dar uma olhada para ver como é que é. Eu estou vindo pela primeira vez, não sabia que tinha tanto lugar assim para conhecer” (Entrevista 9 concedida em 06/09/2015).

A necessidade de sinalização, de divulgação da programação, também é apontada pelos frequentadores como mais uma barreira. “Nunca imaginei que, formalmente, tivessem tantas instituições aqui dentro. Não acho que isso, às vezes, não é tão claro para quem vem aqui no parque. Com relação à sinalização, ou até a divulgação da existência desses lugares, ou convite para visitá-los” (Entrevista 1 concedida em 06/09/2015).

Quem está no parque não sabe sobre a programação, o horário de funcionamento ou onde ficam os equipamentos.

> Hoje, por exemplo, minha filha está querendo ver algumas exposições. Só que eu não sei horário, e também, como aqui é muito grande, não sei como chegar. Agora mesmo vindo para cá, ela falou: poxa mãe está tendo três exposições! E a gente não vai ver nenhuma. Eu falei: hoje eu vim com essa finalidade. (Entrevista 17 concedida em 06/09/2015).

Como alguns dos equipamentos do Parque estão passando por reformas, as pessoas não sabem quais estão abertos e quais estão fechados. Também desconhecem os dias de funcionamento. “A gente fica pensando, será que tem alguma coisa ou não? Às vezes está fechado dependendo do dia, ou alguma reforma, principalmente o Planetário, que está fechado há um tempo” (Entrevista 29 concedida em 07/09/2015).

Os entrevistados apontam para a necessidade de divulgação no próprio Parque.

> Eu acho interessante, a arquitetura do lugar. Você sabe que aquilo ali é um museu, está identificado, mas não sei a programação. Não tem alguém na frente, alguma coisa acontecendo, que me dê vontade realmente de entrar para ver o que está acontecendo. Quando tem os shows ali, você já vê a banda, já escuta, tem a vontade de ver. (Entrevista 18 concedida em 06/09/2015).

As pessoas falam em dar visibilidade às obras que estão dentro do espaço e chamar a atenção de quem está fora dele. "Vitrine para fora, é muito legal porque chama a gente pra entrar. Acho muito legal ter essas", coloca frequentadora do parque na frente do Museu Afro. (Entrevista 13) E chamam atenção para o potencial do parque "Acho que faltava um tipo de comunicação, para atrair mais quem está aqui, porque tem muita gente" (Entrevista 28 concedida em 07/09/2015).

Há frequentadores que ficam sabendo da programação depois que já saíram do Parque.

> Eu acho que poderia ser mais chamativo. Porque tem lugar que a gente passa assim a gente vê, mas nem sabe se está tendo alguma coisa realmente lá dentro, se está funcionando, parece que está vazio. Você vê mais a arquitetura, é bonito, e continua andando. A depois você descobre que lá dentro tinha uma coisa super legal, daí passou em branco (Entrevista 17 concedida em 06/09/2015).

Quem vai aos equipamentos culturais do parque geralmente já vai programado para isso. "Quando eu venho para ir a Bienal, para a uma exposição, eu já venho mais focada em ir lá, do que andar no parque" (Entrevista 29 concedida em 07/09/2015).

No parque, um dos entrevistados colocou que muitas vezes não se sente à vontade dentro do museu, pelo preconceito existente.

> Pela estrutura social que a gente tem, existem alguns lugares que não são convidativos para uma pessoa que veio da periferia, uma pessoa de raízes negras, que se reconhece como negro, tem lugares que você não se sente à vontade. Tanto como os olhares de alguns seguranças. Já rolou isso, de você estar entrando em algum lugar de um jeito mais, você vem da cultura hip hop, que nem eu venho, você cultua, você tem isso em você. Se você está acessando algum lugar, trazendo essa cultura sua, você já tem um olhar diferente. Então existe alguns lugares que tem uma estrutura elitista, eurocêntrica, que não deixam uma pessoa que não vem dessa matriz eurocêntrica, europeia, estadunidense, não deixa essa pessoa à vontade perante a essa posição nesse lugar. (Entrevista 11 concedida em 06/11/2015)

A ida ao Parque por outro motivo, diferente da intenção de visitar os equipamentos culturais, também foi bastante citada, reforçando o Parque como um espaço de lazer. “Eu gosto mais de natureza mesmo” (Entrevista 21 concedida em 06/09/2015). Ou “é que o intuito da gente é vir caminhar, a gente não vem para ir na Oca, ou conhecer algum museu. O intuito da gente é caminhar mesmo, passear.” (Entrevista 25 concedida em 06/09/2015). “Geralmente a gente foca mais em atividades ao ar livre” (Entrevista 30 concedida em 06/09/2015). Outros entrevistados colocaram que optam por outras atividades fora do Ibirapuera. “Porque eu faço outros tipos de atividades, em outros lugares, ontem eu fiquei em casa costurando, fico em casa” (Entrevista 22 concedida em 07/09/2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo evidencia a desigualdade socioespacial nas cidades, colocada por David Harvey (2013), Ermínia Maricato (2009) e Ana Fani Alessandri Carlos (2001). Mostra que os moradores das áreas centrais, de maior renda, contam com melhor infraestrutura e mais oportunidades, enquanto os habitantes das periferias têm menos possibilidades. E aponta que equipamentos de cultura seguem a regra estabelecida, estão mal distribuídos na cidade, e com oferta menor que a demanda.

São Paulo tem o Parque Ibirapuera, na Vila Mariana, região central, como uma das principais opções de área verde, lazer e cultura para moradores de todas as regiões da capital, o que ocorre devido à má distribuição e insuficiência de espaços destinados a este fim. Os habitantes dos bairros de classe alta, no entorno do Ibirapuera, caminham até o espaço, enquanto outras pessoas, dos bairros mais afastados, chegam de transporte público ou carro, em grandes deslocamentos, parte demora mais de 1 hora e meia, o que reforça a produção desigual de espaço na Cidade.

O Parque recebeu edifícios pensados para o uso cultural, mas teve os espaços destinados a outras funções ao longo de mais de sessenta anos, foi sede da Prefeitura de São Paulo e outros órgãos públicos como o Prodam, Companhia de Processamento de Dados do Município. Hoje, a área abriga um grande número de equipamentos de cultura, dez no total, mas o histórico do Parque, que teve prédios destinados a outras funções, a existência de equipamentos fechados por longos períodos, como acontece com o Planetário e o Pavilhão das Culturas Brasileiras, a forma como estão estabelecidos, e a falta de comunicação com os frequentadores no Ibirapuera, não

favorecem o uso. Outros fatores como a inexistência de dados atualizados sobre o Parque e seus frequentadores, os últimos números são de 2007, segundo a direção do Ibirapuera, e a incerteza quando ao pertencimento do MAC USP ao Parque, também chamam a atenção, e podem ser considerados prejudiciais.

Como Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata (2010) evidenciam, os equipamentos de cultura do Ibirapuera passaram de atração principal a secundária, com os espaços ao ar livre como o grande motivo de ida ao Parque. O Ibirapuera atende à necessidade que os indivíduos dos grandes centros urbanos têm de estar fora dos espaços edificados e, hoje, o espaço é usado, sobretudo, para o lazer.

A pesquisa de campo realizada com os frequentadores do Parque une-se ao que é colocado por Macedo e Sakata (2010), e aponta que os usuários veem no Ibirapuera a possibilidade de ficar ao ar livre, em contato com a natureza. Dirigem-se ao espaço para estar com a família, encontrar os amigos e também praticar esporte, pedalar e caminhar. Os museus e shows são citados como motivo de ida ao Parque, mas em menor número, e quando os frequentadores falam dos espetáculos, os shows abertos, como os do palco externo do Ibirapuera, ganham destaque.

Muitos dos equipamentos de cultura do Ibirapuera são invisíveis aos frequentadores do Parque, o levantamento evidencia que eles conhecem uma pequena parte dos equipamentos sediados no espaço. A maior parte dos usuários se lembra de um, no máximo dois, de um total de 10. Os espaços mais citados são o Museu Afro Brasil e o Museu de Arte Moderna, seguidos pelo Planetário, o terceiro mais lembrado, mesmo fechado. O Pavilhão Japonês, o Pavilhão das Culturas Brasileiras e a Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz são praticamente desconhecidos, lembrados por um número muito pequeno de pessoas. O Bosque da Leitura fechado durante a pesquisa de campo, não foi citado. E se os usuários do Parque não conhecem os equipamentos, também os não frequentam, mais da metade dos entrevistados afirma não frequentar, não ir, nunca ter ido a nenhum dos 10 equipamentos.

A principal barreira apontada pelos frequentadores do Parque para a entrada nos equipamentos culturais sediados no espaço é o desconhecimento dos equipamentos e de suas respectivas programações. A área do Parque é pouco utilizada para divulgação e também quase não recebe atividades programadas pelos equipamentos de cultura. As entrevistas apontam que somente dois deles dão visibilidade à programação na área externa, o MAM divulga no entorno do equipamento e nos restaurantes do parque, e as

atividades do Auditório são colocadas em um totem, em frente ao prédio. Esses também são os únicos equipamentos com programação regular na área externa.

O fator desconhecimento é seguido da falta de tempo e os entrevistados ainda colocam que vão ao Ibirapuera para outra atividade, citam a dificuldade de deslocamento e acesso, a falta de interesse pela programação, a falta de hábito de ir a equipamentos culturais, dinheiro e as filas. Os fatores muitas vezes estão atrelados.

Assim, o trabalho aponta que os frequentadores do Parque se apropriaram do espaço, com declarações de amor ao Ibirapuera, mas não se apropriaram dos equipamentos de cultura nele sediados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública** in Espaço e Debates - Revista de Estudos regionais e urbanos - n.43/44 São Paulo, 2004, p.03 e 04. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/espaco_debates.pdf> Acesso em: 07 de junho de 2015.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da Cultura e Políticas Públicas**. **São Paulo.** 2001, vol.15, n.2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>. Acesso em: 19 de junho de 2015.

BLOG UMAPAZ. **DEA/ UMAPAZ**. Disponível em: <http://blogumapaz.blogspot.com.br/p/umapaz_29.html> Acesso em: 31 de outubro de 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

FOLHA DE S. PAULO. **Parque do Ibirapuera completa 60 anos e ganha duas semanas de festa**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1501433-parque-ibirapuera-completa-60-anos-e-ganha-duas-semanas-de-festa.shtml>. Acesso em: 16 de junho de 2015.

HARVEY, David. (2013) **A liberdade da cidade. In: Maricato, E. et. al. *Cidades Rebeldes*: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. **Cadernos da Cidade de São Paulo: Parque do Ibirapuera.** São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 1996.

JUNIOR, Paulo Cezar Nunes. **O Parque do Ibirapuera e o lazer na cidade de São Paulo: da descrição à apropriação.** RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade http://www.labeurb.unicamp.br/rua/

KLIASS, Rosa Grená. **Parques Urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

LEIVA, João (Org). **Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas.** São Paulo: Tuva Editora, 2014.

MACEDO, Silvio Soares Macedo e SAKATA, Francine Gramacho Sakata. **Parques Urbanos no Brasil.** 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
MAM. Domingo MAM. Disponível em: <http://mam.org.br/aprenda/domingo-mam/>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

MAM. **Estatuto do Museu de Arte Moderna de São Paulo.** Disponível em: <http://mam.org.br/institucional/lei-de-acesso/estatuto/>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

MAM. **Jardim de Esculturas.** Disponível em: <http://mam.org.br/explore/jardim-de-esculturas/>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

MIGLIONICO, Rosa Itálica. **Parque do Ibirapuera: um ícone da paisagem paulistana.** São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp113851.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2015.

MUSEU AFRO BRASIL. **O Museu**. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/miss%C3%A3o-vis%C3%A3o-e-valores>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

MUSEU DA CIDADE. **Pavilhão das Culturas Brasileiras**. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/pavilhaodasculturas.php>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

MUSEU DA CIDADE. **Pavilhão Oca**. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/oca.php>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Ibirapuera**. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente>. Acesso em: 31 de outubro de 2015.